



MOVIMENTO UMBANDISTA E FOTOGRAFIA:

Uma visão da tradição.

Palavras-Chave: [UMBANDA], [FOTOGRAFIA], [MEMÓRIA], [TRADIÇÃO], [IDENTIDADE].

Autores/as:

JÚLIA TOMAZ MONTORO [Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP]

Prof. Dr. GILBERTO ALEXANDRE SOBRINHO [Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

As imagens, e particularmente a fotografia, compõem no cotidiano das sociedades ocidentais uma importância e centralidade que dizem respeito não apenas à quantidade e à diversidade de imagens que cada um é exposto no seu dia-a-dia, como também nos diversos fins para que as mesmas são utilizadas. O avanço tecnológico corroborou para o aumento da frequência do registro imagético nos espaços públicos das grandes metrópoles, e a partir dos anos 1930 e 1940 temos também a memória individual e familiar sendo construída por base desse suporte imagético (SIMSON, 2005.). A fotografia, que se insere em diversos ambientes também ocupa espaço dentro de diversas manifestações religiosas, assim como na Tenda de Umbanda Estrela Matutina (TUEM), local onde foi realizado o presente estudo.

A fotografia é entendida como uma das formas simbólicas de representação e que permite atribuir significado à vida e à imagem das pessoas, dos acontecimentos e dos objetos, de tal modo que corrobora para a criação, por exemplo, da autoimagem dos sujeitos e da percepção da realidade em que esses mesmos sujeitos estão inseridos (SONTAG, 2004. p.19) Pensamos assim, em diferentes e concomitantes realidades que a fotografia comporta, realizando o preenchimento de lacunas, reconstituindo passados e construindo ficções através dela (KOSSOY, 2005. p. 39). Auxiliando na manutenção da memória de uma tradição, como no caso da TUEM.

Simson (2005) diz que a questão do que está por trás da fotografia interfere na função da fotografia, como quando utilizada para o resgate das memórias, de acordo com as comunidades estudadas. Assim, é necessário atentar-se para os modos como elas se relacionam com o uso da imagem, no processo de registro e de transmissão do passado, torna-se necessário entender as imagens não só em relação ao conteúdo, mas também aos modos como são produzidas e consumidas pelos grupos, e associando-as aos relatos orais destas pessoas envolvidas. São essas servidões do meio fotográfico, em suas relações com a memória comunitária que movem essa pesquisa e justifica seu estudo, atentando-se para as diversas inserções do meio na sociedade.

O Movimento Umbandista é formado por diversas formas de expressões do que popularmente chamamos de Umbanda. A presente pesquisa traz como foco uma casa (que

também pode ser chamada de tenda, terreiro e/ou choupana) em específico, que faz parte deste movimento, com seus moldes ritualísticos, tradições e relações com o mundo sagrado, e com o mundo profano, próprias. Para podermos compreender como é dada especificamente a relação da comunidade em pesquisa com a fotografia é necessário um conhecimento geral das relações habituais dentro do terreiro, visto que há uma diversidade de ritos e escolas umbandistas.

A Tenda de Umbanda Estrela Matutina (TUEM), localizada na cidade de Campinas, interior de São Paulo, possui aproximadamente 9 anos de fundação, nestes moldes atuais. Tendo em anos anteriores a 2012, grande parte da corrente mediúmica, feito parte da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD), em Campinas. E tendo origem em uma tradição de anos, também conhecida como umbanda esotérica. A TUEM tem como dirigente o Sacerdote Raimundo Medeiros, e aproximadamente 120 pessoas que compõem, atualmente em 2021, o que chamamos de corpo mediúnico, ou seja, são integrantes da corrente/filhos da casa. Comumente nos terreiros de umbanda o dirigente é chamado de Pai pela corrente a qual responde, e entre os componentes existe uma relação de irmandade. Deste modo, dizemos que os integrantes constituem essa “família de fé”. Nesta família, assim como na relação familiar tradicional, existem os ancestrais, aqueles que deram origem a essa tradição. Na TUEM essa ancestralidade parte de Pai Medeiros que foi iniciado na doutrina por Pai Rivas, que por sua vez foi iniciado por Pai Matta. Estas relações familiares são estabelecidas através de uma tradição, que marca praxes ritualísticas, filosóficas e culturais. E é analisando as praxes culturais presentes na TUEM, que podemos notar que há uma relação já estabelecida entre a fotografia e os integrantes do grupo.

METODOLOGIA:

A metodologia escolhida consiste na aplicação de métodos qualitativos, baseada, principalmente, em revisão da literatura e levantamento bibliográfico, sobre fotografia, antropologia da imagem, estudos de memória, também sobre a Doutrina da Umbanda Esotérica e pesquisas sobre o movimento umbandista. Para o aprofundamento e maior relação com o objeto de estudo pretendia-se utilizar da observação participante, método que consiste em que o pesquisador acompanhe de modo mais próximo o evento de sua pesquisa, porém decorrido do distanciamento social do qual a TUEM aderiu por conta da pandemia do novo coronavírus, essa participação mais constantes nos rituais e no cotidiano do grupo, que permitiria um maior entendimento do imaginário, vocabulário, símbolo e culto válidos e coerentes para tal, foi substituída pela metodologia da auto etnografia, na qual estive inserida previamente, como autora da pesquisa e também como membro atuante do grupo, no local de estudo. Quando se refere às pesquisas de temática filo-religiosa, consiste em um excelente recurso metodológico, principalmente do campo religioso brasileiro, pelo fato de possibilitar uma imersão mais profunda nas práticas e vivências das respectivas expressões religiosas escolhidas para estudo.

A auto etnografia visa um aprofundamento na vivência na casa e como se constitui as relações entre os participantes do grupo e a questão da memória e da recepção para com as fotografias. Com isso foi suprimida a necessidade de entrevistas e de contatos próximos a outros participantes. De forma a me permitir utilizar de uma dinâmica de etnografia e auto etnografia, da evocação de memórias minhas e dos outros pertencentes a TUEM. A auto etnografia consiste em incluir e reconhecer a experiência do sujeito, no caso o pesquisador, em ambas a definição do que virá a ser pesquisado e também durante o desenvolvimento da pesquisa, me possibilitando a utilização de recursos da minha própria memória, de minha autobiografia e até mesmo minha história de vida. Também foram utilizadas na pesquisa as fotografias dos arquivos internos a TUEM, fotografias essas captadas e arquivadas por alguns membros do grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Para pensar a fotografia na TUEM e suas relações, elaborei alguns questionamentos, entre eles os principais: “Se a Umbanda possui em sua tradição uma relação “familiar” podemos relacionar seus registros fotográficos a um Álbum de Família?” e “Como as fotografias registradas e exibidas dos ancestrais de fé podem interferir na identificação dos médiuns pertencentes a corrente com a tradição construída?”

Segundo Silva (2008) existem condições para se considerar possível a existência de um álbum familiar:

- Não pode haver álbum sem família representada.
- Não pode haver álbum sem foto revelada, ou sem predisposição a algum tipo de arquivo
- Não pode haver álbum sem contar ou pretender contar história.

Partindo de todas as condições preenchidas pelos arquivos na TUEM, destaca-se que também de acordo com Silva (2008) o álbum de família desapareceu em forma e em sentido, e o que aparece em seu lugar são técnicas de armazenamento digitais/virtuais, tornando raras as impressões em papel, tendo sobrado os arquivos digitais como analogias aos álbuns.

Cada álbum de família possui condições específicas de construção familiar. Ou seja, a narrativa construída em cada álbum é diferente, importante e determinada pela família que o construiu. Comemorar as conquistas de membros da família (e/ ou outros grupos) é o uso mais antigo da fotografia, tendo se tornado o mais popular. E o álbum é uma maneira de arquivar essas imagens, representações visuais do sujeito. Essas imagens fotográficas são muitas vezes exibidas junto a criação de uma narrativa, que se torna possibilitadora da construção de memórias individuais e coletivas, de forma a projetar caminhos e anseios familiares. E assim como todo núcleo familiar, a TUEM também possui seu acervo fotográfico, que segundo Huyssen (2000) é uma forma de patrimônio simbólico que assegura um ideal de coesão, pertencimento, identidade e referência para esse grupo. Na TUEM essas fotos são expostas, vistas e recebidas de diversas formas, em porta retratos, quadros ou momentos de apresentação em “*slides*”. Na TUEM conseguimos observar em seus arquivos diversos registros desses ritos de passagem, eventos importantes para os membros da nossa família. Os médiuns, como são chamados os integrantes da Tenda, passam por fases em uma Iniciação aos “segredos” da Umbanda, essas fases são marcadas por descobertas e aprendizados específicos de suas vivências dentro e fora do terreiro, o registro dos ritos de passagem individual de cada médium, ou da coletividade estudada como um todo, são guardados com afeto e carinho.

Gomes e Torquato (2016) nos reforçam que a fotografia é capaz de trazer diversas lembranças, tradições e emoções e que essas imagens funcionam como um convite capazes de nos informar, convencer ou persuadir. Procura-se na imagem simbólica da fotografia de espaços sagrados, para além de uma informação, e sim uma experiência subjetiva de apropriação e simbolização. A fotografia é utilizada como instrumento necessário na imposição de significados e na transmissão dos valores compartilhados pela comunidade. A fotografia dentro da TUEM se mostra capaz de criar um repertório, uma memória visual coletiva, sobre o que é e como se formou a casa e a tradição a qual estes

membros do agrupamento pertencem. Para Sontag (2004) é por meio de fotos que cada família constrói uma crônica visual de si mesma e as imagens são utilizadas de forma a testemunhar essa coesão familiar. É através de imagens que podemos observar semelhanças, para além dos elementos físicos utilizados no templo, que ajudam a perpetuar, essa coesão do grupo familiar, através do tempo.

Imagem 1: Mestre Yapacani (1970)



Imagem 2: Mestre Arhapiagha (1980)



Imagem 3: Mestre Karabayara (2019)



Fonte: Arquivo interno TUEM

CONCLUSÕES:

Inserida no contexto de pós-modernidade a TUEM compartilha dessa formação da memória dentro do grupo social através de fotografias, porém é através da junção com a oralidade, e com a experiência do dia-a-dia de terreiro, que se dá a formação de uma tradição e a manutenção de uma raiz espiritual. A tradição oral umbandista não consiste somente em histórias e lendas, ou relatos mitológicos e/ou históricos, ela recupera e relaciona diversos aspectos da vida. Esse acumular de representações e de experiências pessoais que são deixadas para uma para futura contemplação possibilita a criação de conhecimento sobre os próprios indivíduos e sobre a tradição, retratando os momentos mais marcantes dos seus percursos de vida e dos momentos importantes para aquela coletividade.

O ato de fotografar torna-se para terreiros e templos, uma forma de tomar o controle de suas próprias narrativas, escolhendo como desejam ser enxergadas e retratadas. Assim como os estudos acadêmicos a respeito do movimento umbandista, que no geral, representam um meio de resistência a estes ataques hostis. Por este motivo, me preocupo também em acrescentar à academia um estudo que relacione as pesquisas em memória e tradição oral, com as pesquisas em fotografia e em imagem e cultura, fomentando assim a discussão e entendimento sobre a religião dentro do meio acadêmico. Estudos sobre religiões ameaçadas por esse preconceito, é uma das formas de combate a essa violência, de modo a mostrar o que está sendo realizado e produzido dentro de determinado grupo religioso.

O álbum de fotografias, esse arquivo, que possui suas fotos selecionadas e exibidas, é a representação em imagem do desejo de sobreviver, como espécie, sobrenome, unidade e tradição. "Se o que se arquiva é o que mais poderíamos esquecer, então se arquiva, por princípio, pelo medo do esquecimento". (SILVA, 2008. p. 48).

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, A. & CUNHA, E. T. (2006). **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BARTHES, R. (1980). **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70.
- BITTENCOURT, L. A. (1998). **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. Em B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp. 197-212). Campinas: Papirus.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 2000.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. SP: Hucitec, 1985.
- HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente**. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac, 2005. 2ª Ed. p. 33.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. (1998). **Texto visual e texto verbal**. In B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. (pp. 37-49). Campinas: Papirus.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. (1998a). **As transformações da imagem fotográfica**. *Revista de Antropologia*, 2(41). Retirado em 25/02/2000 do SciELO (Scientific Electronic Library Online) no World Wide Web: <http://www.scielo.br>.
- PAGLIUSO, L. (2012). **Famílias de santo: as histórias dos ancestrais e os enredos contemporâneos**. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, FFCLRP, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RIVAS NETO, F. **Próto-Síntese Cósmica**. 11 ed. Editora pensamento – Cultrix LTDA, 2008.
- SILVA, Armando. **Álbum de Família: a imagem de nós mesmos**. Tradução: Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: SENAC, 2008.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Imagem e memória**. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac, 2005. 2ª Ed. p. 19.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad.: Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.
- TOMAZ CARNEIRO, Ana Clara. **Transmissão da Tradição Umbandista: Experiência, Memória e Oralidade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo – SP, 2021.